

**Realmente às vezes só tem
uma cama...**

**Qualquer
clichê,**

menos

voocê

Victoria Lavine

*Para James.
Em todas as histórias que compartilhamos,
você é meu par do começo ao fim.*

*Para minhas companheiras sobreviventes ou com
predisposição genética ao câncer de mama.
Vocês são guerreiras. É raro e lindo descobrir como
somos fortes. Este livro também é para vocês.*



1

Margot

De frente para minha cama, encaro as duas blusas que coloquei ali, tentando decidir qual me fará parecer menos mentirosa. A rosa esvoaçante com flores passa um ar inquestionável de Autora de Romance Sensível (exatamente a imagem que quero transmitir), mas será que é forçar demais a barra? A outra opção (impecável, branca, sem mangas) é mais arrojada, mas será que é arrojada *demais*? Será que os meus leitores vão ver o decote agressivamente alto e saber que estou escondendo alguma coisa?

Provavelmente um assassino em série se preparando para depor tem essa mesma dúvida sobre qual roupa usar. Só que, no meu caso, o júri são centenas dos meus leitores mais fiéis e, em vez de uma audiência no tribunal, vou fingir inocência durante a transmissão ao vivo de um evento de divulgação do meu novo livro. E essa transmissão começa em – olho para o relógio – doze minutos. *Merda.*

Cruzo os braços numa tentativa tola de me acalmar. Depois de lançar seis livros e passar por suas turnês de divulgação, era de se esperar que, a essa altura, eu já dominasse essa coisa de viver fingindo. Ou que, pelo menos, fosse capaz de escolher uma blusa para isso. Mas, de acordo com o suor debaixo dos meus seios, a realidade não é essa. Porque, apesar de ser Margot Bradley, Autora Best-Seller Número 1 do *New York Times* (título que minha empresária insiste que cada entrevistador, podcaster e atendente desavisado da Starbucks use ao se referir a mim), vivo com o eterno medo de os meus fãs, de algum modo, descobrirem a verdade a meu res-

peito: por trás dos clichês e das cenas de sexo com orgasmos triplos que espalho por aí, estou mais desencantada com o amor do que uma ex-estrela de *The Bachelorette* em meio a um divórcio.

Sei que essa confissão suscita a pergunta: *Como ela escreve livros de romance se acredita que o amor é um esquema demoníaco de pirâmide?* Eis a resposta: nem sempre fui tão astuta e sábia. Não, não. Quando tinha meus vinte e poucos anos, vivenciei aquele tipo de química arrebatadora que compõe os romances mais clichês – aquele em que a gente não consegue parar de admirar os braços do cara e todo pensamento lógico é destruído. Achei que tinha encontrado o amor na onda inebriante de endorfina e desejo, perigosamente atada ao mais tênue dos vínculos humanos: a confiança. Conheço *bem* a sensação de uma aliança de 2,3 quilates deslizando pelo meu dedo. Mas também conheço bem a sensação de quando esse anel é tirado de vez. Sei como é quando esses sentimentos entorpecedores se incendiam com uma faísca da verdade e explodem, desabando na terra em um inferno escaldante de dor e horror. É inevitável.

Estou exagerando? Acho que não. Descobri que a maioria das pessoas que chega aos trinta anos já vivenciou pelo menos um término que as deixou sobrevivendo à base de cereal puro porque estavam ocupadas demais com seu colapso interno para se lembrar de acrescentar o leite. Também fiquei sabendo que as pessoas de coração partido costumam buscar conforto e fuga na indústria bilionária dos livros de romance. Como sei disso? Eu fui uma delas. Aprendi do jeito mais difícil que, nesse mundo superficial de “desliza para o lado esquerdo”, livros de romance trazem esperança aos desiludidos. Eles fazem a gente acreditar que um médico saradíssimo, sensível e poliglota chamado Hunter está te esperando nas esquinas da vida, pronto para rir com você de todos os seus ex-namorados canalhas enquanto vocês ficam de conchinha depois dos seus orgasmos sincronizados diários.

A não ser que você seja eu, é claro, e uma experiência amarga tenha te ensinado que o Dr. Hunter não vai chegar – *ou* gozar – em você. Aí você usa as sobras esmaecidas dos seus sonhos e esperanças antigos para escrever livros de romance que não servem de conforto para você – não *mais* –, só que ainda pagam suas contas e confortam outras pessoas. E, por outras pessoas, é claro, me refiro aos meus leitores, cuja lealdade ina-

balável merece ser recompensada na moeda que eles mais desejam. Beijos ao pôr do sol. Chalés em meio à neve com apenas uma cama. E, acima de tudo, finais felizes.

Mais do que qualquer coisa, esse último elemento em particular é o que mais me dói escrever e (quando estou disposta a admitir) me faz sentir saudade do tempo em que minha fé no amor era quase tão inabalável quanto a dos meus leitores. Mas esse é um passado distante e, se eu tivesse que apostar, diria que minha antiga crença no que é eterno provavelmente jaz ao lado da minha aliança, lá no fundo do oceano. Foi por isso que precisei desenvolver o mecanismo de defesa perfeito para cada final feliz que escrevo sem acreditar: meu arquivo “Finais Infelizes”. Um documento supersecreto, protegido com senha, que contém finais alternativos para cada romance que já escrevi. São os finais que minhas personagens *teriam* enfrentado se fossem pessoas reais com problemas reais que nenhuma camisa justa ou abdômen trincado poderia resolver. É um acervo cruel de divórcios arrastados, sogras com chave reserva, encontros com mulheres mais jovens em estacionamentos e escolhas infelizes de pelos faciais. Nenhum deles é bonito, mas todos são baseados na realidade da vida e, para mim, são um lembrete importante para nunca mais baixar a guarda.

Mas, nos dias ruins, quando nem meu arquivo “Finais Infelizes” é o suficiente para me dar força para escrever epílogos com casamentos e bebês, existe um motivo – uma pessoa – que mantém meus dedos martelando no teclado. Uma única fã que não posso decepcionar.

Tomou um susto com uma batida na porta. Olho por cima do ombro e, como num passe de mágica, lá está ela. Minha irmã.

– São quase oito horas, Margot – diz Savannah, balançando a cabeleira dourada enquanto encara minha calcinha. – Eu não sabia que seu contrato com a editora incluía uma cláusula de striptease.

– Um showzinho erótico ao vivo pra cada lançamento – confirmo, voltando a atenção para o meu dilema com as blusas. – Segundo minha equipe de marketing, sexo vende bem.

– E o pessoal do marketing topou essa calcinha de vó?

Coloco as mãos nos quadris e me viro para ela.

– Pois saiba que ela tem um corte retrô. *Não* é calcinha de vó.

– Ela tapa seu umbigo.

– E?

– Vem com capuz?

Mostro a língua para ela.

– Vem aqui e me ajuda a escolher uma blusa.

Savannah se endireita e vem na minha direção. Automaticamente, analiso seu andar, avaliando seu nível de dor. Ela está no final de uma crise, e tenho medo de que esteja forçando a barra ao sair da cama tão cedo.

– A branca, com certeza – afirma ela.

– Qual é o problema da rosa?

– Nenhum. Se você estiver pensando em apertar um baseado e puxar um baralho de tarô.

– Não é *tão* esvoaçante assim.

Savannah ergue uma das mangas que poderiam abrigar uma família de guaxinins em suas profundezas ondulantes e a deixa flutuar de volta até a cama.

– Você que sabe. Só cuidado com as brisas leves pra não sair voando por aí.

Visto a blusa branca.

– Tá bom?

Savannah sorri.

– Linda. E você pretende completar esse conjunto com uma calça?

Puxo a cintura bem alta e bem bege da minha roupa íntima.

– Por cima dessa belezinha? Não mesmo. Estou trabalhando depois das oito da noite num domingo, e ninguém vai me ver da cintura pra baixo. Simbora.

Seguro a porta aberta para Savannah, que vem andando na minha direção com cuidado. Além de causarem dor debilitante no corpo todo, as crises da mistura de doenças autoimunes que afligem minha irmã afetam muito seu equilíbrio. É desconcertante ver uma mulher com seus vinte e tantos anos andar como uma idosa frágil, embora, fora esse detalhe, ela pareça saudável. Porém, acabei me acostumando a isso do mesmo jeito que todo mundo se acostuma com algo insuportável: por pura necessidade.

Observo a mão de Savannah se erguer para ela se equilibrar no batente da porta.

– Tem certeza que não quer que eu pegue a...

– Não, estou bem – responde ela, cortando minha oferta para buscar sua bengala. – Mas obrigada.

Prefiro não retrucar. Depois de quatro noites seguidas dependendo de mim até mesmo para a mais simples das tarefas, a última coisa que minha irmã quer é ser tratada de um jeito superprotetor demais. Já é bem difícil ter que viver com uma cuidadora (eu). O mínimo que posso fazer é respeitar sua independência quando ela estiver apta para isso.

– Com quem é essa entrevista mesmo? – pergunta Savannah.

– Aquele podcast de romance *Parar, cair e fascinar*. Já ouviu falar?

Os olhos de Savannah se iluminam enquanto seguimos até meu escritório.

– Ah, eu amo esse podcast! Mas é melhor ficar esperta. A Sylvie não pega leve.

– Ainda bem que meus livros são uma obra de arte da literatura livre de qualquer falha – digo, despreocupada.

Não menciono a crise de choro provocada por insegurança e desespero que acontece na véspera de todos os meus lançamentos.

Pego uma manta do sofá quando passamos pela sala. Dois anos depois de me mudar, ainda mal consigo acreditar que escrever livros de romance financiou este sonho de casa em estilo mid-century em Silver Lake. Posso não acreditar em felizes para sempre, mas morar aqui e poder cuidar da minha irmã em tempo integral chega bem perto disso.

Savannah dá um sorrisinho.

– Verdade. *Saudações calorosas* é um clássico contemporâneo. Estou esperando um representante do comitê do Pulitzer ligar a qualquer momento.

Solto uma risada pelo nariz.

– A única premiação que *Saudações calorosas* vai receber é o recorde mundial de mais usos da palavra “contrair” em uma obra publicada.

– Melhor “contrair” do que “umedecida” – observa Savannah com educação.

– Com certeza tem pelo menos um “umedecida”. Lembra da cena da banheira?

– Não tinha, não!

Dou de ombros.

– Melhor “umedecida” do que “membro”.

– Nada é pior do que “umedecida”, Margot.

– A não ser “membro umedecido”.

Savannah finge ter ânsia de vômito enquanto entramos no escritório escuro, e viro à esquerda na direção da minha mesa. Ela fica posicionada de forma estratégica em frente a uma parede com prateleiras (o motivo principal para eu ter comprado esta casa, para ser sincera), e, quando acendo uma luminária, todos os meus livros, organizados por cor, e minhas fotos emolduradas são iluminados por um brilho acolhedor. Savannah vai direto até o sofá de dois lugares diante da minha escrivaninha, e joga a manta para ela.

– Valeu – diz, se encolhendo como um gato.

Cinco segundos depois, um gato de verdade – ou o espírito animal de Savannah, como prefiro me referir a ele – pula no colo dela e se aconchega ali com toda a altivez de seu xará, o Sr. Darcy.

– E, só pra constar, eu acho mesmo que você merece um Pulitzer. Seus livros são uma alegria e uma válvula de escape pra todos os seus leitores, Margot.

As palavras dela ecoam minha própria justificativa diária para escrever histórias que talvez façam mais mal do que bem, mas, quando me sento à minha escrivaninha e abro o notebook, minha culpa é interrompida por uma pequena onda de adrenalina. Meu documento “Finais Infelizes” surge na tela. Com certeza não acessei esse arquivo hoje. E o mais estranho é que a página na tela não é meu final alternativo mais recente, e sim um desabafo antigo digno de diário, que é como uso o documento de vez em quando. Palavras de tristeza e amargura me saltam aos olhos.

Autografei mais de duzentos livros no evento de hoje. Um leitor após o outro me disse como os meus livros são importantes para eles, enquanto eu dava o meu melhor para fingir que as histórias ainda significavam algo para mim. Seria MUITO mais fácil manter essa enganação se os meus fãs não fossem as pessoas mais fofas do mundo. Sei que eles querem a garantia de finais felizes – e dou qualquer coisa a eles porque lhes devo tudo –, mas como conseguem ser tão ingênuos assim? Toda vez que ouço alguém me dizer que está esperando o próprio final feliz digno de Margot Bradley, eu morro um pouquinho por dentro. Odeio essa máscara que preciso usar.

Olho para Savannah, apavorada por achar que ela enfim descobriu mi-

nha farsa. É a única explicação para o meu documento “Finais Infelizes” estar aberto. Mas ela está ocupada desenhando pequenos círculos na testa peluda e cinzenta do Sr. Darcy com a ponta do dedo. Me obrigo a relaxar os ombros. Se Savannah tivesse visto o documento, não estaríamos sentadas como se nada tivesse acontecido. Estaríamos sentadas como se tivéssemos acabado de sentir os primeiros tremores de terra do “Big One”, o grande terremoto que supostamente vai engolir Los Angeles um dia. Só que, em vez de termos sentido um desastre capaz de destruir uma cidade inteira, estaríamos remoendo este segredo. O único segredo que guardo da minha irmã.

– Ei.

Ergo os olhos da tela, agora livre de quaisquer documentos incriminadores.

– Tem um motivo pra você ter a legião de fãs mais legais do mundo e aparições regulares no telão da Times Square – afirma ela.

O eterno nó de culpa que mora no meu peito aperta ainda mais.

– E qual seria?

Minha irmã me olha com uma adoração que não mereço, e me encolho antes que o golpe seja dado.

– Porque você escreve com o coração.

É um soco direto no meu peito. Um golpe no coração. Dou um jeito de forçar um sorriso, apesar de o referido coração parecer despencar pelo meu corpo, atravessar o piso e o próprio solo, até chegar ao núcleo da Terra, onde é incinerado.

– Obrigada por estar aqui, Van – digo. – Sei que você podia estar passeando com o Cooper.

Savannah dá um sorriso sonhador ao ouvir o nome do namorado, e na mesma hora me arrependo de mencioná-lo, ainda que isso a tenha distraído. Deixando de lado meus sentimentos em relação ao amor, acho que minha irmã poderia conseguir coisa melhor. Não que Cooper não seja legal (e, tenho que admitir, um ótimo jogador de Scrabble), mas ele também é ajudante de cozinha/fotógrafo freelance/surfista, divide um apartamento com dois caras em Los Feliz e não tem tempo ou recursos para cuidar da minha irmã do jeito que ela merece. Sei que não vai durar e, como toda vez, vou estar ao lado dela para lidar com as repercussões.

– Você sabe que eu não perderia isso aqui por nada – responde Savannah. – Nem por todos os membros umedecidos do mundo.

Dou uma risada e respiro fundo para me acalmar.

– Beleza. Hora do show.



– Então, antes de seguirmos para as dúvidas dos leitores, preciso perguntar... pode dar *qualquer* pista sobre seu próximo livro, Margot?

Sorriso para os rostos ávidos, mirando na apresentadora de cabelo azul brilhante do podcast.

– Eu não deveria dizer nada, Sylvie.

– Tudo bem, mas e se eu... – um clique de mouse – ... ativar o microfone de todo mundo e pedir que falem “por favor” em três, dois, um...

– POR FAVOOOR – ressoa um coro de vozes.

Ergo as mãos, rendida e rindo. É tudo parte do show. Já recebi sinal verde da minha editora para soltar uma pequena pista e atizar os boatos nas redes sociais.

– Tá bem, tá bem. Correndo o risco de ser demitida pela editora, a palavra é... “Alasca”.

Os gritos são selvagens, e abaixo o volume depressa quando o Sr. Darcy salta do colo de Savannah e se esconde debaixo do sofá.

– Ótimo, desativando microfones agora! – grita Sylvie. – Pessoal, tentem respirar fundo. Tomem um chazinho. Apertem uma bolinha antiestresse. Sei que é muita coisa pra processar. Alasca é o lugar? Uma pessoa? Um estado de espírito? Tenho certeza de que vamos todos ficar desesperados pra desvendar esta pista até a data de lançamento, mas, ao menos hoje à noite, queria que vocês concentrassem suas perguntas no que a gente *já* tem, e com muita alegria, nas nossas mãozinhas. Estou falando de *Saudações calorosas*.

Não tenho como ouvir, mas, por toda a tela, os participantes estão batendo palmas ou agitando seus exemplares cheios de orelhas do meu livro. Ver tanta devoção à minha escrita deveria trazer a melhor sensação do mundo. No começo, era assim. Mas isso foi antes de todas as minhas histórias começarem a parecer apenas um pouquinho menos nocivas do que envenenamento por chumbo. *Não existe final feliz, seus românticos bestas e inveterados...*

– Vamos começar com JennyLin_Bibliotecaria. Qual é a sua pergunta pra Margot, Jenny?

– Oi, Margot! Oi, Sylvie! Amo os livros, amo o podcast!

– Muito obrigada, Jenny – respondemos Sylvie e eu juntas.

Um quadradinho se expande e mostra uma jovem segurando uma taça de vinho rosé numa das mãos e um exemplar encharcado de *Saudações calorosas* na outra.

Ela é um rosto conhecido, sempre participa dos meus eventos digitais, e sinto uma pontada de culpa quando penso na lealdade e no dinheiro que ela e tantos outros já me deram para eu estar aqui.

– Margot, eu queria saber se alguma das suas histórias é inspirada na vida real.

A ironia dessa pergunta quase me faz soltar uma risada involuntária pelo nariz. Mas consigo me controlar e tomo um gole de água. Abro um sorriso caloroso.

– Ótima pergunta, e muito obrigada por estar aqui, Jenny. Seu apoio é tudo pra mim.

Dou minha resposta cuidadosamente formulada, e a entrevista continua. Respondo pergunta após pergunta, até que dou uma olhada no relógio. Savannah deve sentir que estou me cansando, porque ergue os polegares para mim e murmura sem fazer barulho a palavra “umedecida”, para me fazer sorrir.

– Muuuito bem – anuncia Sylvie. – Parece que a nossa próxima pergunta vem de Buscando_a_verdade98. Que verdade você está buscando em relação à Margot Bradley hoje à noite?

Como sempre, o quadradinho dos participantes fica maior, mas, como a pessoa está com a câmera desligada, a tela fica preta por um momento. De repente, aparece um documento de Word. Pisco por causa do brilho forte na tela, confusa, até que o pânico ricocheteia em mim como uma bola de pinball incandescente. É meu arquivo “Finais Infelizes”. Não. Não é possível. Mas então o documento começa a ser rolado para baixo bem devagar, e todas as minhas palavras contundentes aparecem.

– Ah, o que é isso? – pergunta Sylvie, sem entender do que se trata o arquivo. – Buscando_a_verdade98, o seu microfone está ativado?

Meu corpo inteiro começa a tremer de leve à medida que passo rapida-

mente pelas palavras que nunca deveriam ser vistas por outro ser humano. *Pensão alimentícia. Pneus furados. Tadalafila.* Isso não está acontecendo – com certeza é algum tipo de alucinação causada pelo estresse. Tento engolir em seco, mas minha garganta é um tubo de lixa enrolado. E então uma voz, distorcida de um jeito sinistro, quebra o silêncio:

– Minha pergunta pra Margot é: como você ousa?

Minha coluna fica ereta.

– Quem é? Como conseguiu esse documento?

– Nada está escondido de verdade na nuvem – responde a voz agourenta. – Imagina só minha surpresa quando tentei dar uma olhada no seu próximo manuscrito e acabei encontrando isso. Os finais *verdadeiros* para todos os seus livros. Como você se sente *de verdade* em relação aos seus fãs.

Fecho a janela em uma tentativa boba de tirá-la da tela de todo mundo, mas isso não faz o documento desaparecer para mais ninguém. Sou confrontada com uma grade de rostos, todos semicerrando os olhos e claramente lendo. As sobranceiras delicadas de JennyLin_Bibliotecaria estão erguidas, aflitas, acima dos óculos tortos. Uma nova onda de pânico me faz querer fechar o notebook e fingir que isso não está acontecendo, mas preciso apagar esse incêndio de alguma forma e...

– Margot, o que tá acontecendo? – sussurra Savannah, me lembrando de sua presença. – Tá tudo bem?

A voz de Sylvie vem em seguida, lenta e espantada:

– Mas o que é isso?

– Sylvie, por favor – balbucio. – Encerra a reunião.

– Margot, o que é isso? É sério? Aqui diz que a Avery e o Caleb... se divorciam? Que o Caleb... – Um arquejo agudo. – Ganha uma *barriguiinha de cerveja*?

Em todos os quadradinhos, mãos cobrem bocas em um horror mudo.

– Olha, Sylvie, eu posso explicar – falo.

– “Tão ingênuos assim”? – lê ela, encontrando meu antigo desabafo. Manchas rosadas aparecem em suas bochechas redondas. – É isso mesmo que você pensa dessa comunidade, Margot?

– Isso não é... Sylvie, *por favor*, encerra essa reunião – imploro.

Uma risada distorcida digitalmente interrompe meu apelo.

– Encerrar a reunião? Você acha mesmo que eu não vou postar isso em

outros lugares? Em *todos* os lugares? Os links já foram enviados pra cada participante que está aqui hoje.

Sinto um calor abrasador e depois um frio intenso. Minha visão fica turva e luto contra uma onda de náusea.

– C-Como você pôde fazer isso? Isso é invasão de privacidade. Totalmente ilegal e...

– Como *eu* pude? Acho que a pergunta aqui, Margot, é como você pôde enganar milhões de leitores desse jeito. Nadando no dinheiro suado deles enquanto ria escondido. Se esse arquivo “Finais Infelizes” prova alguma coisa, é que você é uma fraude. E é por isso que convoco todo mundo aqui hoje a cancelar Margot Bradley. Se você acredita no amor, em finais felizes, nunca mais compre nenhum livro dela.

E, com isso, Buscando_a_verdade98 sai da reunião. Na sequência, há apenas silêncio e telas e mais telas de rostos magoados e hostis.

– E então, Margot? – vem a voz sombria de Sylvie. – Tem algo a dizer em sua defesa?

Abro a boca, mas meu cérebro é um disco arranhado, preso eternamente na palavra *fraude, fraude, fraude, frau...*

De repente, por trás do meu computador, Savannah se levanta rápido demais. Ela cambaleia, e, sem pensar, me levanto também. Ouço outro arquejo de afronta vindo de Sylvie e, quando olho para baixo, vejo que minha webcam está apontada diretamente para minha calcinha de vovó de cintura alta. *Perfeito.*

– Bom, acho que isso encerra o episódio desta noite de *Parar, cair e fascinar* – diz Sylvie, com frieza. – Podem ter certeza, queridos ouvintes, que, como o marco zero desse tremendo golpe na nossa comunidade, vou abrir espaço para suas reflexões e seus sentimentos e relatar tudo à medida que a história se desenrolar. Por favor, mandem seus comentários para...

Fecho o notebook com força.

– Savannah, espera!

Mas ela já saiu da sala, deixando a manta jogada no chão.

Eu a encontro no quarto, sentada na cama no escuro. Ela está lendo alguma coisa no telefone. Entre o brilho azulado da tela e o luar que entra pela janela, ela parece feita de prata. Se não fossem as lágrimas escorrendo devagar por seu rosto, poderia ser uma estátua.

Minha voz falha na escuridão.

– Van, olha só, eu posso explicar.

– É verdade? Você escreveu isso?

Por um momento – apenas um momento –, penso em mentir. Mas não posso mais esconder esse segredo dela e, depois do que acabou de acontecer, não há motivo para sequer tentar.

– Sim – respondo. A vergonha emana de mim como névoa saindo de uma máquina de fumaça. – Escrevi.

A voz dela sai oscilante:

– E é assim que você encara o mundo? Você acha que o amor nunca dá certo no fim?

Cruzo os braços como se pudesse protegê-la do pedaço de gelo afiado que ocupa meu peito no lugar de um coração, mas não consigo responder. Ela responde por mim:

– É por causa do Adam, né?

Adam. Ouvir o nome do meu ex-noivo dito em voz alta depois de tanto tempo evitando mencioná-lo é como me esfregar em uma cerca elétrica. Mal consigo continuar falando:

– A gente pode não conversar sobre isso agora?

– Ah, Margot – diz ela com a voz baixinha.

– Me desculpa... – começo.

Savannah me surpreende. Ela joga o telefone na cama, se levanta e, sem nem mais uma palavra, vem até mim e joga os braços ao redor do meu pescoço.

Por um momento, fico ali no escuro, trêmula, sentindo o aroma de madressilva do xampu de Savannah enquanto o alívio quase faz as minhas pernas cederem. *Ela não me odeia.* Como se pudesse ouvir meu pensamento, ela me aperta ainda mais: *Eu nunca te odiaria.* Lágrimas quentes escapam pelas minhas pálpebras cerradas, e sei, sem a menor sombra de dúvida, que *este* é o único tipo de amor verdadeiro. Todo o resto é balela.

Quando minha respiração finalmente fica mais calma, nós duas nos soltamos ao mesmo tempo, e fico olhando para ela com os olhos borrados de rímel.

– Mas que porra eu vou fazer, Van?

Savannah suspira e depois, como um pequeno milagre, uma de suas covinhas gêmeas aparece, acompanhando um meio sorriso.

– Acho que tive uma ideia.



Os dias seguintes são horríveis. Horríveis como o redemoinho que puxou o *Titanic* para as profundezas. Além de todos os compromissos e as discussões para fazer a denúncia do vazamento do “Finais Infelizes” às autoridades e melhorar a segurança do meu computador, fiquei de mãos atadas vendo minha reputação se desintegrar em chamas cada vez mais altas. Minha agente, minha editora e minha empresária fazem uma triagem, cada uma tentando desesperadamente conter a hemorragia. Mas, apesar dos esforços hercúleos delas para me salvar, não adianta. Minha carreira se quebrou como uma casca de ovo, direto na frigideira do inferno. Não tenho escolha a não ser abandonar todas as redes sociais, onde eu e minha calcinha gigante nos tornamos o alvo incandescente de cada bookstan traído, de cada troll do Goodreads e de cada puxa-saco na internet. Quando consigo dormir, sonho com hashtags: #FelizesParaNuncaMaisComprar #EscandaloBarriguinhaDeCerveja #BoicotemMargotBradley #CalcinhasDaMentira.

O golpe final vem cinco dias depois do vazamento do “Finais Infelizes”. Minha agente, em geral concisa e reservada, me liga aos prantos para avisar que ela tentou de tudo, mas meu próximo contrato de lançamento – que ainda estávamos negociando – está cancelado. Não haverá livro sobre o Alasca. Não haverá mais livros, ponto-final. É o fim.

Na manhã seguinte, sento na bancada da cozinha e encaro, com o olhar perdido, o coração perfeito que Savannah fez no meu café com leite. Tenho minhas economias. O suficiente para nos sustentar por um bom tempo depois que meus ganhos com royalties sequem de vez. Mas e depois? O negócio de ilustração freelance de Savannah está indo bem, mas não a ponto de nos manter em Silver Lake e sustentar uma dieta orgânica, com carne bovina só alimentada por pasto, sem OGM, sem grãos, sem pesticida, sem nada que a dieta da minha irmã proíbe (senão...). Tenho muita consciência de que, aos 31 anos, não tenho habilidades rentáveis além da

escrita. É a única coisa que faço bem, além de cuidar da minha irmã e encontrar promoções on-line.

Em suma: estou em maus lençóis. Ainda assim, uma partezinha obstinada de mim está orgulhosa por eu não ter negado a verdade. No mínimo, esse suplício comprovou de novo que finais felizes são uma mentira destinada aos sensíveis e ingênuos – coisas que me recuso a voltar a ser.

– Você tá com cara de quem tá girando a roda do infortúnio.

Ergo os olhos do meu café quando Savannah volta para a cozinha com o notebook.

– Foi mal – falo, sentando direito. – Só estou pensando se a Amazon não consideraria reposicionar o estoque do meu livro como uma alternativa a papel higiênico. Talvez a gente conseguisse bancar os custos, pelo menos.

– Na verdade, nem é uma ideia tão ruim. Mas talvez você ache a minha melhor.

Savannah vira o notebook para mim em cima da ilha da cozinha. Na tela, um site mostra uma bela foto aérea de uma pousada rústica cercada por uns poucos chalés de madeira. Todas as estruturas e trilhas estão aninhadas em meio a uma natureza imaculada que parece digna de uma narração do David Attenborough. Por cima da foto, estão as palavras “Pousada Estrela do Norte” e, abaixo, “Sua aventura no Alasca te espera”.

– Mas o que é isso?

– É pra onde você vai, óbvio!

Olho para ela com um semblante de peixe morto.

– Savannah, não vai rolar livro no Alasca. Não tem por que fazer uma viagem de pesquisa.

– Não seria uma viagem de pesquisa propriamente dita. Seria uma Viagem de Reinvenção.

Ela faz um gesto alegre com as mãos quando diz as últimas palavras. Antes que eu possa replicar, Savannah começa o que é muito obviamente um discurso motivacional ensaiado:

– Você tomou uma rasteira da vida. Mas e daí? Acha que a Taylor Swift desistiu depois que a gravadora ferrou com a vida dela? Não. Ela começou a regravar os próprios álbuns e voltou como uma nova mulher. Uma mulher *melhor*. E quando as pessoas, *ainda assim*, tentaram diminuir o brilho

dela, acha que ela jogou a toalha? *Não*. Ela esfregou a Eras Tour na cara do mundo.

– Obrigada pela história esclarecedora da sua estrela pop favorita, mas eu não vou pro Alasca.

Empurro meu banco de madeira para me levantar, mas Savannah segura meu pulso, me detendo por cima da ilha da cozinha. Ela me olha com a ferocidade surpreendente de um texugo.

– Não, Margot. *Você* é a minha estrela pop favorita, e é por isso mesmo que você precisa ir.

Encaro os olhos castanho-claros da minha irmã, reflexos perfeitos dos meus.

– Você não pode desistir de escrever – declara ela, apertando mais meu pulso. – Não vou deixar isso acontecer, porque você é boa demais no que faz e ama demais isso. Se não pode mais escrever livros de romance, então precisa tentar outra coisa. Precisa sair pro mundo e descobrir que coisa é essa.

Contra minha vontade, minha mente conjura um universo alternativo no qual ir para o Alasca é uma possibilidade e o que isso poderia significar para mim. *Um recomeço. Uma oportunidade de escrever algo novo. Sem primeiro encontro lindo. Sem finais perfeitos. Uma fuga de Los Angeles e da tempestade de merda categoria 4 que é sua vida. Alasca.* A cada novo pensamento, o plano desvairado de Savannah começa, de algum jeito, a fazer cada vez mais sentido para mim. Algo como esperança – ou talvez apenas desespero – floresce no meu peito. Até a sola dura da realidade descer e esmagá-la como a uma guimba de cigarro.

– Mas eu não posso te deixar – digo.

Diante dessa resposta, Savannah apenas dá um sorriso e solta meu pulso. Ela se preparou para isso.

– Ah, mas pode, sim. Você esquece, querida irmã, que eu tenho um namorado maravilhoso e dedicado. O Cooper vai ficar comigo aqui.

– Não. De jeito nenhum.

São as palavras que saem de supetão da minha boca.

– E por que não? – rebate ela, simples assim. – Tenho 28 anos, não 16. Pago aluguel e...

– Coisa que nunca pedi que...

– Coisa que me autoriza a trazer convidados.

– E o que acontece se você tiver outra crise? – pergunto.

– Aí eu tenho outra crise e pronto! A mamãe e o Cooper estão mais do que dispostos a me ajudar.

Mordo o lábio.

– E quanto tempo esse seu esquema exige que eu fique fora? Uma semana? Savannah dá uma risada como se eu fosse uma bobinha fofa.

– Uma *semana*? Não. Você vai ficar lá seis semanas.

Engasgo com o café, que eu estava bebericando na tentativa de parecer mais confiante.

– Seis semanas? – falo depois de um momento. – Não, não. Você perdeu de vez essa sua cabecinha linda.

– Pelo contrário – rebate ela, apontando o dedo para mim e o balançando. – Minha cabeça nunca teve uma ideia tão genial. Seis semanas é exatamente o que você precisa pra produzir seu próximo manuscrito.

Apesar da insanidade desse plano, minha mente está a mil por hora. Depois de tudo o que acabou de acontecer comigo, só tem uma coisa sobre a qual eu gostaria de escrever: *assassinato*. Um distanciamento macabro das histórias melosas que escrevo há anos e uma válvula de escape para o meu vício em podcasts de true crime. O começo de uma história já rodo-pia na minha mente. Um assassinato ambientado numa paisagem isolada no Alasca. Um corpo congelado encontrado anos depois por montanhistas do interior. Uma detetive em meio a uma maré de azar enviada durante o período de experiência para provar algo.

– Beleza – digo com um suspiro, resignada com o fato de que nunca consigo dizer não para minha irmã. – Vou pensar.

Savannah dá um gritinho estridente e abre o maior sorriso que já vi em meses.

– Ai, graças a Deus! Porque já fiz a reserva!

– Você *o quê*?

– Você embarca em cinco dias! E não se preocupa, eu sei que faz frio no Alasca em novembro, mas já encomendei todo o equipamento que você vai precisar.

Fico perplexa e sem palavras. Savannah dá a volta na ilha da cozinha e apoia as mãos com delicadeza nos meus ombros.

– Sei que é muita coisa pra assimilar. Mas você sempre cuidou de mim, Margot. Dessa vez, me deixa cuidar de você. Por favor.

Encaro minha irmã nos olhos e vejo uma resistência e uma determinação que quase nunca estão ali. Engulo em seco.

– Beleza. Alasca, aqui vou eu.



2

Margot

Vir para o Alasca foi um erro.

Eu deveria ter adivinhado no momento em que o motorista se apresentou como Bear – o que lhe cai bem, porque ele realmente parece um urso –, ou depois de qualquer uma das oitocentas vezes que ele peidou na Suburban pichada na qual estou presa há duas horas e vinte e seis minutos. Quando ele grunhe “Chegamos”, é uma tremenda surpresa para mim, porque o mapa do meu celular parou de funcionar uma hora atrás e este trecho específico de árvores cobertas de neve parece idêntico aos últimos cem quilômetros de árvores cobertas de neve pelas quais passamos. Mas, assim como seus parentes de quatro patas, Bear não precisa de instruções. Ele vira em uma abertura não sinalizada em meio às árvores e entra em uma espécie de estrada de terra que faz meus dentes baterem por uns bons dez minutos.

Quando finalmente paramos e minha visão para de chacoalhar, olho pela janela e a vejo. Pousada Estrela do Norte. *Cheguei*. Bear estaciona bem na frente de um grande chalé de madeira que não ficaria deslocado em uma estação de esqui sueca. Há janelas gigantes nas paredes, um telhado pontudo e diversas chaminés de pedra. Uma varanda coberta por montes de neve fofa circunda toda a construção.

– Vou pegar as malas – ouço, e Bear desce do carro com um último chiado flatulento.

Um sopro de ar frio circula pelo bafo quente e fedorento dentro do SUV, e solto um arquejo, puxando o capuz da minha parca para cobrir a cabeça.

Me dou conta de que, até este momento, pegar comida no meu congelador foi a única exposição real ao frio que minha pele delicada já enfrentou. Visto as luvas fofas sem dedos que parecem um travesseiro. No começo, achei que eram um exagero, mas agora estou agradecendo e amaldiçoando Savannah ao mesmo tempo. Se eu sobreviver a isto e voltar a ver minha irmã, vou reservar para ela uma viagem só de ida para passeios turísticos pela Antártida.

Bear volta na direção da Suburban, se arrastando pela neve com passos pesados, e vejo que ele deixou toda a minha bagagem na varanda. Preciso de várias tentativas para conseguir abrir a porta do veículo, provavelmente por causa de uma crisálida de gelo que se formou na entrada de carros. Dito e feito, um estalo ecoa, a porta se abre, e saio aos tropeços. Bear me segura pelo cotovelo, e agradeço a ele antes de tirar a luva para pegar um pouco do dinheiro que Savannah insistiu para que eu trouxesse.

– O Alasca não é que nem Los Angeles, Margot – disse ela quando perguntei se dinheiro físico ainda era usado. – Nem todo mundo vai aceitar transferência bancária.

Olho para Bear, que pela cara preferiria aceitar um saco de grãos ou carne-seca como pagamento, e sinto uma gratidão relutante pela prudência da minha irmã.

– Obrigado, senhora – ouço a voz trovejante de Bear, embora não haja nenhum movimento facial detectável sob sua barba cheia, que passa a impressão de que ele seria capaz de escalar um cervo. – Manda um oi pro Trapper, tá?

Pasma tanto por ter sido chamada de senhora quanto pelo nome Trapper, aceno sem animação enquanto Bear volta para seu antro e sai em meio a uma nuvem branca de escapamento congelado.

E então, de repente, estou sozinha. O vento assobia sinistramente pelas árvores, e me dou conta de que, na pior das hipóteses, essa viagem vai proporcionar a inspiração perfeita para o suspense que quero escrever. *Talvez perfeita até demais.*

Corro até a varanda na maior velocidade a que ousou me mover. Sempre que eu via filmes de Natal quando era pequena e reclamava com minha mãe que eu queria morar num lugar com as quatro estações do ano bem definidas, nunca passou pela minha cabeça que a neve fosse escorregadia assim. De braços abertos, vou andando com cuidado até a escada e sou re-

cepcionada por uma enorme porta de madeira esculpida que faz a entrada do lugar parecer a varanda da frente do Thor.

Suas dobradiças perfeitamente engraxadas se abrem quando a empurro, e fico meio que esperando encontrar um grupo de vikings. Quando entro, sou cercada por um calor delicioso. Sinto o rosto pinicar à medida que o sangue volta a circular e olho ao redor. É igual ao anúncio no site: móveis escandinavos cobertos com peles de diversos animais, uma lareira de pedra gigante no meio da sala e janelas que vão do chão ao teto nos fundos e dão para uma paisagem que tenho dificuldade de acreditar que não seja um painel falso. Chego mais perto, fascinada. Árvores descem por um vale impressionante até um rio caudaloso que corta a terra tomada pela neve como uma serpente escura, resistindo à ordem de congelar que o inverno lhe impõe. Mais além, tão longe que meu cérebro tem dificuldade para assimilar, dá para ver montanhas. Cobertas de neve e intermináveis, elas fazem as colinas acinzentadas de Los Angeles parecerem pilhas de seixos.

Fecho a boca e me viro para procurar sinais de vida. A sala parece mais uma residência particular do que um hotel, e a única área onde seria sensato eu fazer o check-in é um cantinho aconchegante com livros perto da lareira, onde uma escrivaninha antiga fica de guarda. Mas não há ninguém ali. Ergo o olhar para o ponto em que o teto de catedral dá lugar a uma sacada no segundo andar e me lembro de Savannah dizendo que os hóspedes ficam em chalés particulares espalhados pela propriedade. *Mas onde é que estão os funcionários?*

– Olá? – chamo, meio nervosa.

Tiro uma luva e dou uma olhada no sinal do meu celular. Nada. Vou ter que conectar no wi-fi do hotel depois que encontrar alguém para pedir a senha. A menos, é claro, que eu tenha sido desavisadamente largada em um hotel-fantasma no estilo *O iluminado*. Engulo em seco, de repente desejando que Bear não tivesse ido embora tão rápido.

– Olá? – chamo de novo.

Como não há movimentação alguma, solto um suspiro exasperado. Coloco a luva outra vez e vou até a porta da frente. Se não tem ninguém lá dentro, deve ter alguém do lado de fora. Talvez não esteja tão frio quanto imaginei.

Abro a porta e sou corrigida no mesmo instante. Meus globos ocula-

res pinicam com a entrada brusca de ar ártico, mas saio como uma intrépida exploradora, pronta para desbravar o mundo desconhecido e hostil. Olhando ao redor, reparo em uma trilha aberta na neve que contorna a lateral da pousada. Eu a sigo e, à medida que caminho, ouço um som baixo cadenciado ao vento. Sigo em frente até que a trilha vira no canto da pousada, onde paro de supetão.

Alguém está cortando madeira em uma clareira cheia de neve e cercada por árvores. Alguém alto e rústico. Alguém com os músculos das costas bem definidos que, a cada golpe do machado, se flexionam e contraem sob a blusa térmica justa. Alguém cuja respiração ofegante se ergue em nuvens brancas ao redor dos seus cachos escuros. A lenha diante dele não tem a menor chance quando sua lâmina desce com precisão irrepreensível. Um som gostoso de algo se partindo ecoa. O homem grunhe, e, por algum motivo, não estou mais com frio.

Tal qual uma esquisitona, observo os movimentos dele como alguém que acaba de descobrir um esporte olímpico que não conhecia e que de repente se vê com um profundo interesse nele. Cortar madeira é um esporte olímpico? Se não for, deveria ser. Nunca me senti tão patriota na vida. Dou um pequeno passo adiante. Tem algo familiar no cara. Embora eu só consiga ver suas belíssimas costas, por algum motivo sei que, se ele se virar, seu rosto não vai me surpreender. Mas como? Tem exatamente zero por cento de chance de que eu conheça esse futuro medalhista olímpico na empunhadura de machado.

Um som de algo sendo esmagado bem atrás de mim me tira do meu transe no susto. Eu me viro, e o grito que dou precede qualquer pensamento. Quando as palavras finalmente cruzam minha mente, elas explodem como sinalizadores de emergência: *Marrom. Imenso. Pelo. Imenso.* Cambaleio para trás, me afastando da fera, que solta uma respiração furiosa e fumegante e joga a cabeça enorme para trás. Grito de novo. Ou talvez eu não tenha *parado* de gritar. Enquanto a adrenalina incandescente incendeia todos os órgãos do meu corpo, eu me viro e corro às cegas para a frente, girando os braços sem parar. O homem larga o machado na neve e olha para mim, alarmado. Para o meu cérebro reptiliano, ele é minha única chance de sobrevivência, e, quando acabo com a distância entre nós dois, não penso – apenas pulo.

Ele me pega como se estivesse acostumado com mulheres aleatórias pulando em seus braços musculosos, e, para ser sincera, eu não ficaria surpresa se fosse o caso. Mas, a não ser por registrar que o rosto dele é, de fato, a obra-prima rústica que eu esperava, só há uma coisa na minha cabeça.

– CORRE!

Para minha decepção, ele apenas arqueia uma das sobrancelhas grossas. *Mas que ótimo.* É bem a minha cara jogar minha vida diretamente nas mãos de um paspalho bonitão. Mal consigo resistir ao impulso de enfiar meus saltos na bunda dele e esporeá-lo como se fosse um cavalo. Em vez disso, viro a cabeça depressa para ver o quanto minha morte está iminente. Mas, para meu completo assombro e alívio, minha morte está parada quietinha na neve onde a deixei, piscando placidamente para nós. Eu me viro para o homem a quem estou agarrada.

– É um alce – informo a ele, ainda ofegante por causa da corrida disparada em terror. – Não um urso.

O homem assente, educado, como se essa informação fosse novidade para ele.

– Uma distinção importante – afirma ele.

– Achei que eu fosse morrer – digo na defensiva, apertando um pouco mais os braços ao redor do seu pescoço.

– Quer dizer que não é assim que você cumprimenta as pessoas normalmente? – ironiza ele.

Sua voz é tão grave que a sinto atravessar minha parca.

Minha nossa. O sangue correndo para o meu rosto faz minhas bochechas pinicarem, e percebo que meu capuz deve ter caído para trás durante minha corrida desabalada.

– Não tem nenhum animal selvagem de onde eu venho – explico. – Só fui pega de surpresa.

– Então você deve ser Margot Bradley, de Los Angeles.

– E você deve ser Trapper da... floresta?

Seus lábios carnudos e rachados se abrem em um sorriso torto que cria vincos no canto dos olhos. Eles são verde-escuros, com cílios cheios, e o fazem parecer um parente distante das árvores que nos cercam. Como se ele tivesse sido criado bem ali, ao lado delas. Tem algo nele que é muito familiar, e ainda não consigo bem...

– Não, Trapper é meu pai. Eu sou Forrest. – Uma pausa. – Da floresta.

Quando ouço isso, uma risada ofegante me escapa, e vejo, com um frio delicioso na barriga, que ele fixa o olhar em minhas covinhas.

– Meio na cara, né?

Ele desvia os olhos para observar o terreno densamente arborizado onde um alce de verdade está parado.

– Podia ser pior. Meu nome poderia ter sido uma homenagem ao meu padrinho.

– Quem é o seu padrinho?

– O cara que acabou de deixar você aqui.

Solto uma risada pelo nariz, o que o faz sorrir. Seus dentes perfeitos são um contraste brilhante com sua densa barba por fazer que quase está virando uma barba de fato. Vou ficando cada vez mais ciente das minhas pernas ao redor da cintura de granito dele e do fato de que acabei de usar a palavra “granito” para descrever o corpo do cara para mim mesma, como se ele fosse a versão da vida real de cada herói de romance já escrito. Com uma apreensão crescente, percebo como ele está quente por conta do esforço intenso, assim como percebo quanto tempo faz desde a última vez que estive tão perto de alguém com um pênis. E essa é *exatamente* a última palavra que quero na minha mente neste momento, e, por isso, é a única em que consigo pensar.

Até que, por fim, eu o reconheço.

Meu sorriso desaparece quando uma sensação de irrealismo me domina. Porque ele não é a personificação de cada herói de romance já escrito – apenas de todos os meus. Só para constar, já dei vida a vários homens na escrita. Seis, para ser precisa. Para cada um deles, concedi, graciosamente, uma única característica favorita, destrinchando minhas próprias preferências pessoais em vários personagens, porque dar todas elas a um único homem parecia infundado. Mas agora, olhando para Forrest, sou confrontada com todas de uma só vez. Meus olhos vagam por suas feições, reconhecendo os cachos castanhos rústicos de Caleb. Os olhos verdes de Brandon. A estrutura óssea escultural de Levi. O físico de super-herói de Anders. A altura de Harrison. E, embora eu nunca venha a saber com certeza, provavelmente o que herdou de Dax é o...

– Você quer descer ou ainda está no modo de luta ou fuga? – pergunta ele, um pouco incerto.

Pisco, surpresa, percebendo que já faz quase um minuto que estou olhando para ele como uma psicopata.

– Claro. É. Descer – digo com toda a eloquência.

Forrest me ajuda a me desvencilhar de seu corpo cem por cento recomendável, e dou um passo sem jeito para trás, ouvindo a neve ruir sob meus pés. Começo a entender que saí correndo de algo completamente inofensivo para cair direto nos braços da verdadeira ameaça.

Vim até o Alasca para escapar de tudo o que eu conhecia. Para deixar para trás minha identidade como autora de histórias de romance e escrever um livro arrepiante de mistério e assassinato. Em vez disso, estou imersa num encontro fortuito e perfeito com um homem que parece ter saído diretamente de um dos meus próprios livros. Um homem que conheço há menos tempo do que vai levar para eu tomar um banho frio muitíssimo necessário, mas que, de algum jeito, identifiquei como um farol de segurança no meu momento de pânico de vida ou morte.

Mas Forrest da floresta? *Sério mesmo?* Nem eu sou tão piegas assim.

Encosto uma das luvas na testa quando uma dor de cabeça latejante começa logo acima da minha sobrelha esquerda, consequência de toda a tensão. Esse foi o dia mais longo da história, não como nada há horas e devo estar com o mesmo cheiro que a síndrome do intestino irritável de Bear. Forrest une as sobrelhas, o que o deixa parecido com um daqueles caras deliciosamente sérios de comerciais de perfume.

– Você tá bem?

A preocupação genuína na voz dele faz a ansiedade percorrer meu corpo. Ainda assim, fixo o olhar no dele numa busca inconsciente por segurança e conforto. É um instinto questionável, levando em conta que ele é um estranho imenso que por acaso tem um machado. Mas ele não me olha como se eu fosse perfeita para seu hobby de taxidermia humana ou sequer como mais uma hóspede da pousada. Seu olhar, assim como sua pergunta, é gentil e um pouco cauteloso enquanto ele analisa minhas feições – como se eu não fosse a única pessoa ali que sente que encontrou uma peça saída da própria imaginação.

Credo, preciso dormir um pouco. Ou, melhor ainda, preciso de uma carona direto para o aeroporto. Balanço a cabeça de leve para clarear a mente. Ele perguntou se estou bem, e a verdade é que não estou. Não me sinto

atraída assim por alguém faz muito tempo, e, da última vez, isso me custou minha dignidade, minha fé no amor e diversos cheques-caução de casamento não reembolsáveis. Quando penso nisso, sou dominada pelo pânico e, de repente, me sinto um cacto em um vídeo de time-lapse, com meus espinhos crescendo rapidamente. Para o bem ou para o mal, me fazer de antipática sempre foi meu mecanismo de defesa padrão.

– Estou congelando – anuncio. – Gostaria de ser conduzida até meu chalé, se não se importa. E preciso de alguém pra carregar minha bagagem.

Diante do meu tom gélido, a expressão e a postura de Forrest se tornam mais reservadas na mesma hora, e me arrependo da minha frieza. Mas estou no modo contenção de danos, e, se tenho que ficar presa ali com ele pelas próximas seis semanas, estabelecer distância é o único jeito de sobreviver.

– Pois bem – diz ele. De repente, todos os indícios de simpatia desaparecem como se ele estivesse reerguendo às pressas seus limites derrubados. – Vem comigo.

Ele pega seu machado e começa a andar, mas hesito em segui-lo. O alceurso está parado ao lado da trilha e, embora não pareça muito interessado em tumulto, ainda é um animal selvagem gigantesco. Forrest vê minha hesitação e suspira. Ao que parece, sua paciência com forasteiros já se esgotou.

– Não se preocupa com o Alceu – diz ele. – Ele só está pedindo cenouras. Vem.

– Alceu? Tipo... ele é seu *bichinho de estimação*?

– Não, ele é uma multa de 500 dólares prestes a acontecer. É ilegal alimentar alces, mas meu pai começou com isso, e agora o bicho está praticamente domesticado. É só ignorar.

Consgo imaginar qual seria a reação de Savannah ao privar qualquer animal de um “petiscozinho”, ilegal ou não, e sou dominada pela minha primeira onda real de saudade de casa. Prometo a mim mesma criar coragem para dar furtivamente uma cenoura a Alceu antes de ir embora, mas, quando passamos pela montanha gigante de pelo castanho, não consigo me conter e chego mais perto de Forrest. O cara pode ser meio rabugento, mas pelo menos *ele* não tem aqueles chifres imensos. Galhada. Sei lá.

Em vez de me levar de volta para a casa principal e pegar minhas malas, Forrest me conduz por uma nova trilha em meio ao mato para encontrar um dos chalés adjacentes que vou chamar de casa pelas próximas seis se-

manas. Quando começo a perder a sensibilidade nos meus pés trôpegos, descubro que optar por usar tênis foi um equívoco. Lembro-me das botas de inverno (e de todos os outros equipamentos) que Savannah comprou e insistiu para que eu trouxesse e sinto um surto de gratidão pela minha irmã. Posso até não querer estar ali, mas pelo menos ela se certificou de que eu não perdesse os dedos dos pés.

– Falta pouco agora – avisa Forrest, andando na minha frente como se tivesse nascido e sido criado para aguentar temperaturas árticas usando uma segunda pele justa.

Nesse meio-tempo, mal consigo conter um gritinho quando um bloco de neve úmida cai de um galho e aterrissa na minha cabeça. Estou prestes a dizer a ele que não me importo de dormir em uma pele de animal na pousada quando nosso destino finalmente surge. O chalé é pequeno, cercado por árvores, e está coberto de neve. Um farol aconchegante de calor e conforto. *Um lugar com banheiro*. Quando chegamos à porta e Forrest a destranca, passo direto por ele, desesperada para estar lá dentro. Ele entra no ritmo de alguém que não registra mudanças de temperatura em um nível físico.

– Fecha a porta! – sibilo. – Você está deixando sair o calor todo!

Ele me obedece, batendo as botas cheias de neve no carpete de boas-vindas enquanto tiro as luvas e praticamente enfio os dedos na boca para aquecê-los. Meu rosto começa a descongelar, assim como meu nariz.

– Aqui – diz Forrest, e me entrega uma caixa de lenços da mesa de entrada.

Reparo com irritação que seu nariz está milagrosamente seco e lindamente rosado. Assoo o meu com um ruído constrangedor antes de tirar o casaco. Minhas roupas de viagem são confortáveis, mas não o suficiente. Preciso me enrolar no moletom de caxemira que acabei de comprar – meu prêmio de consolação por concordar em fazer essa viagem.

Olho para Forrest e percebo que ele está me encarando. Provavelmente porque, graças à neve derretendo no meu cabelo, devo parecer um gato molhado e com jet lag. Além de me sentir desconcertada por ele no geral, seu olhar me deixa constrangida de um jeito incomum. Deve ser por isso que do nada solto:

– Você ia me mostrar o lugar ou algo assim?

Ele pisca, surpreso com o meu tom grosseiro, e, por mais que eu sinta a palavra “desculpa” na ponta da língua, a contenho. Percebo que não tenho motivo algum para estar irritada com ele, mas a parte de mim levemente em pânico que quer se autopreservar está movendo mundos e fundos para arrumar um.

– Sim. Quer dizer, não. – Ele se corrige. – Eu só ia pegar suas malas na casa principal. Mas você quer que eu monte a lareira antes?

Olho ao redor e vejo uma lareira de pedra na sala de estar do chalé, além de um daqueles suportes circulares de ferro forjado cheios de lenha. Bem intuitivo, e, acima de tudo, preciso me livrar da presença perturbadora desse homem.

– Tá tudo bem, eu dou um jeito.

– Você dá um jeito – repete ele, cético.

– Que foi? Tenho cara de quem não sabe atear fogo nas coisas? – pergunto, pronta para me ofender em nome das mulheres incendiárias do mundo todo.

– Você *costuma* atear fogo nas coisas?

As sobrancelhas cheias de preocupação surgem de novo.

– Bom, não tenho um maçarico com monograma ou coisa assim, mas acho que dou conta de uma lareira.

O rosto de Forrest mostra que ele discorda, mas, sabiamente, ele não insiste.

– Só lembre de abrir o cano.

– Claro. É óbvio – respondo, fazendo uma anotação mental para pesquisar por que uma lareira precisa de um cano. Isso, por sua vez, me faz pensar em algo importantíssimo. – Ah! Preciso da senha do wi-fi. Não tenho sinal.

Forrest estreita os olhos para mim como se eu tivesse acabado de falar em outro idioma.

– Wi-fi?

– Hã, é? Também conhecido como internet?

Quando ouve isso, Forrest ri. Um som profundo e poderoso que, junto com o seu sorriso, por um instante deixa meus neurônios atordoados e os faz disparar pelo meu cérebro.

– Não tem wi-fi aqui.

Balanço a cabeça para me livrar dos feromônios que entopem meus ouvidos.

– Como é que é?

Ele ergue as mãos e olha ao redor para o chalé de madeira rústico, como se apontasse o óbvio.

– Não tem wi-fi aqui. A torre mais próxima fica perto de Talkeetna, fora de alcance.

– Então espera aí – digo, me esforçando para compreender. – Você tá me dizendo que a Pousada Estrela do Norte não tem wi-fi. *É isso?*

– É um dos principais motivos pra maioria das pessoas virem pra cá. Elas querem se conectar com a natureza... não com as telas.

Registro o julgamento, mas só consigo ficar boquiaberta como um peixe, incapaz de elaborar palavras. Não tinha me ocorrido que a falta de internet era sequer uma possibilidade remota.

– Mas eu preciso de internet – digo a ele, mal reparando no pânico em minha voz. – Preciso pro trabalho! Pra ficar em contato com minha irmã, que tem um problema muito sério de saúde!

– Bom, eu vou até Talkeetna uma vez por semana buscar a correspondência e suprimentos – comenta ele. – Acho que você pode vir junto e usar a lan house da cidade.

– *Lan house?* Em que ano a gente tá? Em 2003?

Ele encolhe os ombros largos e me dá um sorriso que mais parece uma provocação. Desta vez, não preciso do mínimo esforço para ficar irritada com ele. Muito pelo contrário, o sentimento jorra de dentro de mim.

– Bem-vinda ao Alasca – diz ele.

E, com isso, Forrest me deixa em um chalé de madeira no meio da natureza selvagem do Alasca, onde fico me perguntando como é que vou sobreviver às próximas seis semanas da minha vida.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

